PT

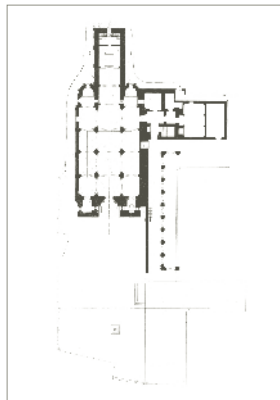
01 Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro

FELGUEIRAS

ROTA DO ROMÂNICO

Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro

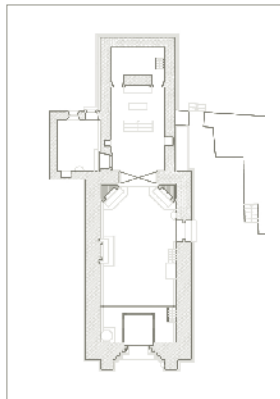
MONUMENTO NACIONAL | 1910

Santa Maria de Pombeiro foi um dos mais importantes mosteiros beneditinos do Entre-Douro-e-Minho, tendo sido fundado por D. Gomes Echiegues e sua mulher Gontroda, em 1102.
A Igreja [séculos XII-XIII] é composta por três naves, divididas por arcos-diafragma e com cobertura em madeira pintada, nas naves laterais.
A planta original da capela-mor, reconstruída no século XVIII, era semicircular à boa maneira românica, assim como os absidíolos [capelas secundárias] ainda existentes.
Os capitéis do portal principal são um notável exemplo de escultura românica.
Os dois túmulos com escultura faziam parte do núcleo funerário abrigado na desaparecida galilé, ligada à nobreza deste território, como os Sousas [ou Sousões] e os Ribavizela.
Nos absidíolos existem dois temas de pintura mural: um alusivo, provavelmente, a São Brás e outro apresentando Santo Amaro e São Plácido.
A imagem da Padroeira, inserida no retábulo-mor [altar principal], possivelmente é uma obra de estilo gótico [séculos XIV-XV].
Bastante alterada nos séculos XVI a XIX, a Igreja do Mosteiro de Pombeiro recebeu um conjunto de talha de estilo rococó, no qual trabalhou o reputado Frei José de Santo António Ferreira Vilaça.

PT
02 Igreja de São Vicente de Sousa
FELGUEIRAS
ROTA DO
ROMÂNICO

Igreja de São Vicente de Sousa

MONUMENTO NACIONAL | 1977

A Igreja de São Vicente de Sousa conserva, no exterior, duas inscrições: uma, de função funerária, data de 1162 e assinala a construção de um arcossólio [túmulo embutido]; a outra, gravada em 1214, comemora a Dedicação da Igreja [início do culto].
A Igreja é constituída por uma única nave e por uma capela-mor retangular, aumentada na Época Moderna [séculos XVII-XVIII].
Na fachada principal abre-se o portal românico, inserido em estrutura pentagonal saliente à fachada, para que o pórtico possa ser mais extenso e impressionante do ponto de vista simbólico.
As fachadas laterais terminam em pequenos arcos sobre cachorros lisos, como se verifica noutras igrejas românicas do território do Tâmega e Sousa.
Na fachada sul, a meia altura da parede externa, corre um lacrimal sobre mísulas, elementos que indiciam a antiga presença de um alpendre ou claustro [pátio interior de um mosteiro].
Da Época Moderna salienta-se o conjunto de talha e pintura, com temas alusivos à vida de São Vicente, de São José e aos Mistérios do Rosário.
As pinturas do teto da capela-mor foram efetuadas, em 1693, por Manuel Freitas Padrão, um dos fundadores da Irmandade de São Lucas de Guimarães.

PT

03 Igreja do Salvador de Unhão
FELGUEIRAS

ROTA DO ROMÂNICO

Igreja do Salvador de Unhão

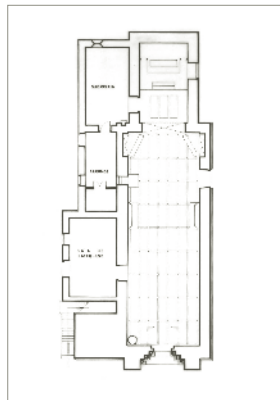
IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1950

A Igreja do Salvador de Unhão é um excelente testemunho nacional da arquitetura e da escultura de estilo românico, destacando-se o portal principal com os seus capitéis de decoração vegetalista.

Apesar das transformações que foi recebendo ao longo do tempo, conserva-se ainda a inscrição que regista a Dedicação da Igreja [início do culto] anterior, em 28 de janeiro de 1165, celebrada pelo arcebispo de Braga, D. João Peculiar.

A referência a "Magister Sisaldis" nesta inscrição e a existência de uma série de siglas [marcas de canteiro/pedreiro] com um "S" de grande dimensão parecem indicar o nome do mestre da obra, elemento raro no panorama da arquitetura românica portuguesa.

A Igreja de Unhão conserva ainda a nave românica, construída durante a primeira metade do século XIII.

No interior destaca-se a imagem de Nossa Senhora do Leite, escultura em calcário policromado de origem desconhecida. A ausência de movimento da imagem, a dimensão da cabeça e das mãos, bem como o olhar fixo e ausente, sugerem que se tratará de uma escultura do estilo românico. Contudo, o facto de o Filho ser representado como uma criança, despida e olhando para a Mãe, é mais comum da religiosidade gótica.

PT
04 Ponte da Veiga
LOUSADA
ROTA DO
ROMÂNICO

Ponte da Veiga

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

Ponte de pedra de um só arco, ligeiramente quebrado, com aduelas [pedras que formam o arco] estreitas e compridas que evidenciam marcas de canteiro [pedreiro], constitui o exemplo de travessia gótica, cujo período de edificação se situará na primeira metade do século XV.

Situada na localidade do Torno (Lousada), outrora do padroado do Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras) e no centro de uma região agrícola intensamente explorada durante a Idade Média (como testemunha o topónimo Veiga), é provável que a sua construção se deva aos abades daquele Mosteiro, destinando-se a assegurar o trânsito local ou regional sobre o rio Sousa.

Por aqui seguia o velho caminho que do santuário da Senhora Aparecida levava até Unhão, município no qual se integrou esta Ponte até ao século XIX e que forma hoje uma das freguesias do concelho de Felgueiras.

Mais do que o símbolo de percursos transregionais ou nacionais, frequentemente associados a rotas de peregrinação, a Ponte da Veiga inscreve-se na categoria de travessia paroquial ou municipal, servindo os interesses senhoriais, laicos ou eclesiásticos, e assegurando a circulação e o escoamento entre as veigas do ainda pouco caudaloso rio Sousa.

PT
05 Igreja de Santa Maria de Airães
FELGUEIRAS
ROTA DO
ROMÂNICO

Igreja de Santa Maria de Airães

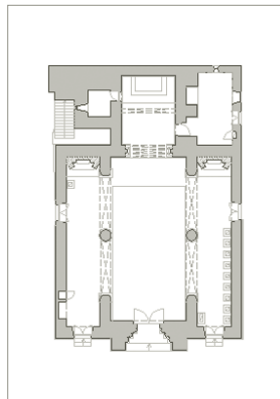
MONUMENTO NACIONAL | 1977

A Igreja de Santa Maria de Airães é um exemplo de como as características próprias do estilo românico se prolongaram no tempo, no território do Tâmega e Sousa.

O aspeto tardio dos capitéis do portal principal, bem como as molduras e capitéis da cabeceira indicam que a atual Igreja deverá ter sido construída no final do século XIII ou no início do século XIV, embora esteja documentada desde 1091.

Apresentando atualmente três naves, da antiga construção românica, composta por uma só nave, conservam-se ainda a cabeceira, coberta por abóbada de berço quebrado, e o corpo central da fachada principal.

Na base das paredes da Igreja existem silhares [pedras] almofadados, de tipologia romana, que sugerem a existência de um antigo edifício dessa Época nas proximidades, eventualmente até de uma primitiva igreja paleocristã ou suevo-visigótica.

No interior salienta-se, para além da Padroeira em calcário policromado, o conjunto de esculturas religiosas da Época Moderna, tal como a peça decorativa que guarda um presépio, em estilo rococó, na sacristia.

PT
06 Igreja de São Mamede de Vila Verde
FELGUEIRAS
ROTA DO
ROMÂNICO

Igreja de São Mamede de Vila Verde

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

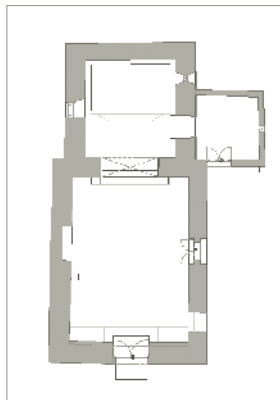
O documento mais antigo respeitante à Igreja de São Mamede de Vila Verde data de 1220, altura em que já integrava o padroado do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro.

A reedificação desta Igreja, efetuada provavelmente no século XIV, é atribuída aos irmãos Martim e Ana Anes, cujos túmulos se encontram no exterior.

A Igreja foi construída segundo as técnicas construtivas, a planta e os alçados próprios da arquitetura românica. O arranjo dos portais e o recurso aos cachorros lisos associam, no entanto, este monumento a uma época em que o estilo gótico era já dominante.

A capela-mor exibe vestígios de pintura mural, datados do século XVI, com motivos vegetalistas e geométricos, sendo ainda identificáveis as figuras de São Bento e de São Bernardo. Esta pintura terá sido realizada pelo mestre Arnaus, sob o patrocínio dos abades de Pombeiro ligados à família Melo, cujo brasão é ainda hoje visível.

A construção de uma nova Igreja paroquial de Vila Verde, na segunda metade do século XIX, contribuiu para o progressivo abandono e degradação da Igreja de São Mamede.

Este monumento foi totalmente recuperado no âmbito do projeto da Rota do Românico.

PT

07 Torre de Vilar

LOUSADA

ROTA DO ROMÂNICO

Torre de Vilar

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1978

A Torre de Vilar, mais do que uma construção militar, é um símbolo de poder da nobreza senhorial, constituindo um importante exemplo da *domus fortis* [residência fortificada] no território do Tâmega e Sousa.

Deverá ter sido construída entre a segunda metade do século XIII e o início do século XIV, embora o primeiro testemunho desta Torre esteja datado do século XV.

Segundo as *Inquirições* [inquérito administrativo] de 1258, "Sancte Marie de Vilar" era uma "Honra" [território] pertencente à família de D. Gil Martins, da família dos Ribavizela.

De planta retangular, a Torre de Vilar ergue-se sobre um afloramento granítico que coroa uma pequena elevação.

Foi construída em excelente aparelho de granito, com a presença de várias siglas [marcas] de canteiro [pedreiro].

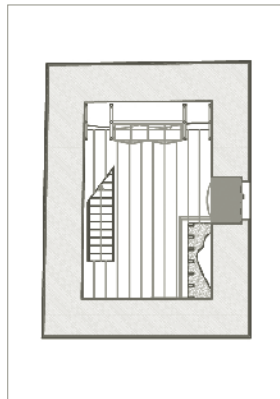
As fachadas apresentam numerosas frestas e subsistem ainda diversas mísulas [pedras salientes] usadas para suporte dos pisos.

O último piso corresponderia ao adarve [espaço de vigia] e deveria igualmente possuir ameias e merlões, entretanto desaparecidos, que coroavam o parapeito da Torre.

As intervenções levadas a cabo pela Rota do Românico contribuíram para a eliminação do estado de ruína da Torre de Vilar dos últimos séculos.

www.rotadoromanico.com

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT

08 Igreja do Salvador de Aveleda

LOUSADA

Igreja do Salvador de Aveleda

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1978

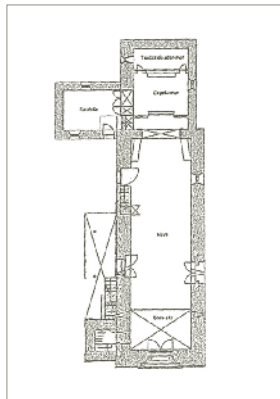
A fundação da Igreja do Salvador de Aveleda remonta aos séculos XI ou XII. Em 1177, Vela Rodrigues doou esta Igreja ao Mosteiro de Paço de Sousa.

O atual edifício, datado do final do século XIII ou início do século XIV, testemunha na sua arquitetura e na sua ornamentação a longa persistência das formas românicas que caracterizam a arquitetura medieval portuguesa.

O portal principal conserva os elementos românicos mais evidentes, ainda que muito tardios: as colunas [capitéis vegetalistas, fuste circular, base bulbiforme] e o tímpano liso.

Os portais laterais sem colunas e os cachorros sem decoração refletem igualmente o caráter tardio da construção. Ao longo das paredes exteriores da nave prolonga-se um característico lacrimal românico.

A torre sineira, a capela-mor e a sacristia correspondem a obras dos séculos XVII e XVIII. Da Época Moderna merecem também realce, no interior, os altares colaterais, o púlpito, a pintura dos tetos da nave e do arco cruzeiro, bem como o teto em caixotões da capela-mor, com símbolos das Ladainhas à Virgem.

A presença de uma peça decorada, que se encontra num dos degraus do interior da Igreja, poderá testemunhar a existência de uma antiga construção visigótica ou moçárabe [séculos V-VIII].

PT
09 Ponte de Vilela
LOUSADA
ROTA DO ROMÂNICO

Ponte de Vilela

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

Em cantaria granítica, a Ponte de Vilela é composta por quatro arcos de volta perfeita. Os arcos apoiam-se em três pegões, reforçados com talha-mares triangulares e talhantes quadrangulares. Os vãos [aberturas] dos dois arcos laterais estão atualmente tapados. O tabuleiro, de pavimento granítico, apresenta forma horizontal sobre os arcos centrais e forma de rampa nas extremidades.

De difícil datação, esta Ponte, de características técnicas e construtivas da Época Medieval, poderá corresponder à necessidade de renovar a rede viária herdada do período Romano.

Esta necessidade deverá ter estado associada ao crescimento da circulação viária neste território, permitindo a travessia do rio Sousa.

A Ponte de Vilela demarca um importante local de passagem, que, segundo as *Memórias Paroquiais* de 1758, era utilizado, por exemplo, pelos viajantes oriundos do litoral que se deslocavam para Amarante e Vila Real.

PT

10 Igreja de Santa Maria de Meinedo
LOUSADA

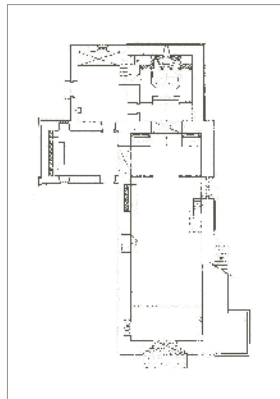
ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de Santa Maria de Meinedo

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1945

A Igreja de Meinedo, datada dos séculos XIII-XIV, possui características arquitetónicas e decorativas marcadas por uma grande simplicidade, mas de grande valor histórico e artístico.
A campanha de escavações arqueológicas, entre 1991 e 1993, permitiu identificar parte de uma capela de um edifício, que poderá datar do período Suevo [séculos V-VI].
Em 1113, o bispo do Porto, D. Hugo, recebeu do rei D. Afonso Henriques o “Couto” [lugar com privilégios] do Mosteiro de Santo Tirso de Meinedo. Segundo a lenda, este Mosteiro terá acolhido, durante o domínio visigótico [século VI], o corpo de Santo Tirso, oriundo da cidade de Constantinopla. Meinedo terá sido neste período sede de um Bispado.
A Igreja apresenta planta de uma só nave e cabeceira retangular, ambas com cobertura de madeira. O portal principal tem as arquivoltas decoradas com motivos de pérolas.
No interior da Igreja merece destaque a abundante e original ornamentação do arco cruzeiro e da capela-mor, que combina os estilos maneirista e barroco. Neste último realce para os azulejos e para o teto em caixotões com temas da vida Mariana.
A escultura de Nossa Senhora de Meinedo ou de Nossa Senhora das Neves, em calcário policromado, trata-se de uma obra de estilo gótico.

www.rotadoromanico.com

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
11 Ponte de Espindo
LOUSADA
ROTA DO
ROMÂNICO

Ponte de Espindo

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

A Ponte de Espindo é constituída por um só arco de volta perfeita, apoiado em sólidos pilares que arrancam diretamente das margens.

A largura do vão [abertura] da Ponte obrigou à elevação do arco e à colocação do tabuleiro em cavalete, ou seja, de dupla rampa, revestido a madeira.

É uma construção em granito com blocos de tamanho desigual, o que contrasta com o aparelho regular das aduelas [pedras que formam o arco] com bom desenho e execução.

A Ponte de Espindo, de difícil datação, assemelha-se, técnica e construtivamente, a uma ponte medieval.

As pontes da Idade Média cuidaram mais dos alicerces do que as pontes romanas e procuraram sítios mais firmes para a sua instalação. Estes factos contribuíram para que as pontes medievais resistissem melhor ao tempo e às cheias.

Numa das extremidades da Ponte de Espindo encontram-se umas Alminhas, peças religiosas associadas às antigas vias portuguesas e à proteção simbólica dos viajantes.

PT
12 Mosteiro de São Pedro de Ferreira
PAÇOS DE FERREIRA
ROTA DO
ROMÂNICO

Mosteiro de São Pedro de Ferreira

MONUMENTO NACIONAL | 1928

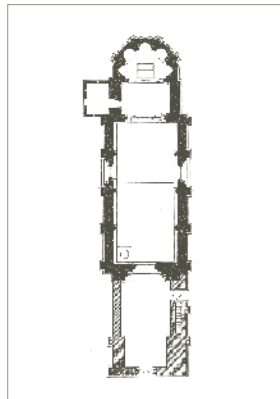
A Igreja do Mosteiro de São Pedro de Ferreira é um dos mais expressivos monumentos do românico português.

Em finais do século XII, os cónegos da Sé do Porto detinham direitos sobre uma parcela do Mosteiro, pertencendo as restantes parcelas a algumas das famílias nobres deste território, como os Sousas [ou Sousões] e os Maias.

O portal principal está inserido em corpo pentagonal. As suas arquivoltas perfuradas [favos circulares] têm sido comparadas ora com as da Porta do Bispo da Catedral de Zamora, ora com a Igreja de São Martinho de Salamanca, como também com soluções decorativas da arte árabe de Sevilha, da segunda metade do século XII.

A Igreja de Ferreira reúne alçados [fachadas] e motivos escultóricos provenientes de diversas origens geográficas e oficinas de canteiro [pedreiro]: Zamora-Compostela, Coimbra-Porto e Braga-Unhão, salientando-se a representação de jograis [artistas], num dos capitéis da capela-mor.

Anexa à fachada principal conserva-se a ruína de uma galilé de função funerária, de que restam poucos exemplares em Portugal. Subsistem ainda duas peças funerárias: um túmulo e a tampa de sepultura com estátua jacente do nobre João Vasques da Granja, vestido como peregrino e segurando o bordão [varapau].

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
13 Torre dos Alcoforados
PAREDES
ROTA DO
ROMÂNICO

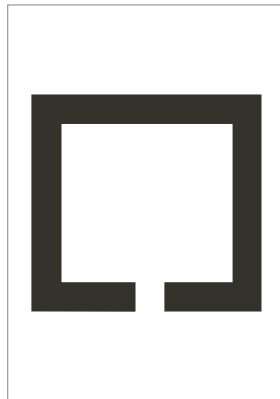
Torre dos Alcoforados

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1993

Exemplo de *domus fortis* [residência senhorial fortificada], a Torre dos Alcoforados é representativa de uma tipologia de habitação senhorial que marcou a Idade Média portuguesa, pelo menos até encontrar a resistência do poder régio. Este, ameaçado pela proliferação de pequenos bastiões locais, dificultou a construção e proibiu os seus senhores de as edificarem.

A Torre, dita dos Alcoforados, conta, na sua história, as vicissitudes que a ligam a várias famílias e linhagens do Entre-Douro-e-Minho. Apesar de intitulada dos Alcoforados, pensa-se que antes destes foram senhores os de Urrô (prováveis mentores da construção) e, depois, os Brandões, família ligada às elites urbanas do Porto.

Estrutura que se enquadra no românico de resistência, é nos vãos [aberturas] que notamos já a cronologia tardia da sua construção, provavelmente do século XIV. As duas janelas de expressão gótica são o testemunho de uma época que incorporava novos gostos.

A Torre, a que se acede por uma porta de arco de volta perfeita, possuía dois pisos superiores sobradados. As escadas que lhes davam acesso eram também de madeira, como mostram os encaixes que sustentavam as traves.

PT
14 Capela da Senhora da Piedade da Quintã
PAREDES
ROTA DO
ROMÂNICO

Capela da Senhora da Piedade da Quintã

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

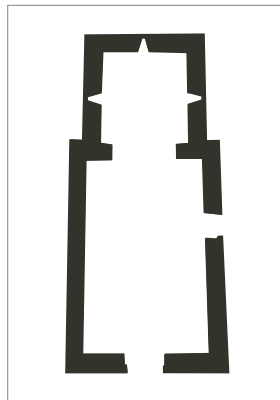
A esta Capela, edificada no lugar da Quintã, são atribuídas duas designações resultantes de duas invocações marianas nascidas na Época Medieval: Senhora da Piedade e/ou Senhora da Quintã. Ambas as invocações tinham, contudo, a mesma missão: defender a área agrícola da extinta honra de Baltar [território], na qual se integrava a Capela ou Ermida, como é referida nas *Memórias Paroquiais* de 1758.

Na capela-mor, os cachorros de proa anunciam o gótico e permitem datar a sua construção entre os séculos XIII e XIV. No interior destaca-se o talhe cuidado dos silhares [pedras], de boa esquadria, nomeadamente os que compõem o arco triunfal, e que denunciam a intervenção da Época Moderna.

Foi já nesta Época que se terá ampliado esta pequena ermida medieval, acrescentando-lhe uma nave. Esta ampliação é facilmente visível no exterior pela disposição dos silhares, de aspeto mais vernacular [tradicional] que o da cabeceira (a ermida primitiva), e revela-se no portal principal com aduelas [pedras que formam o arco] de perfil irregular.

O espaço agrícola que envolve a Capela recorda a importância protetora da invocação e a referência espiritual do pequeno templo.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

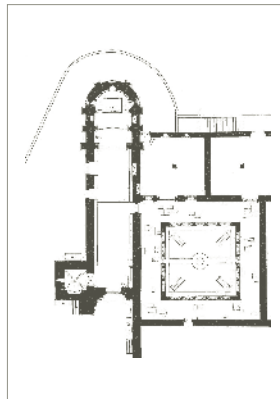
PT

15 Mosteiro de São Pedro de Cête

PAREDES

ROTA DO ROMÂNICO

Mosteiro de São Pedro de Côte

MONUMENTO NACIONAL | 1910

A fundação do Mosteiro de São Pedro de Côte, que a tradição atribui ao nobre D. Gonçalo Oveques, remonta ao século X.
Foi restaurado entre o final do século XIII e o princípio do século XIV, devido à iniciativa do abade D. Estevão Anes, como se pode constatar na inscrição em calcário que se encontra junto do seu túmulo.
Nessas obras foram apenas reaproveitadas, do antigo edifício, as primeiras fiadas dos muros da nave e o portal sul, voltado para o claustro.
A Igreja, apesar da reforma gótica, testemunha a longa aceitação no tempo das formas e do modo de construir românicos.
A torre sineira abriga a capela funerária de D. Gonçalo Oveques, reformada, tal como a sala do capítulo e o claustro, no período Manuelino [séculos XV-XVI].
Em 1551, o Mosteiro deixou de pertencer à Ordem Beneditina, tendo sido anexado ao Colégio da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho, de Coimbra.
Destaque, no interior, para as imagens de São Pedro, de Santa Luzia e de Nossa Senhora da Graça, em pedra calcária, e para a pintura mural de São Sebastião, datada do século XVI.

PT
16 Torre do Castelo de Aguiar de Sousa
PAREDES
ROTA DO
ROMÂNICO

Torre do Castelo de Aguiar de Sousa

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

De acesso difícil, rodeado por montes mais altos que lhe retiram visibilidade, o antigo Castelo de Aguiar de Sousa situava-se na rede defensiva do território, a que os reis Asturianos deram particular atenção, nos séculos IX e X.

No contexto das guerras da Reconquista, as crónicas cristãs referem a tomada do Castelo, no ano de 995, pelo general muçulmano Almançor, aquando das suas incursões para Santiago de Compostela.

Este Castelo encabeçou uma “Terra” no processo da reorganização administrativa do território decorrido ao longo do século XI e um importante “Julgado”, já no século XIII.

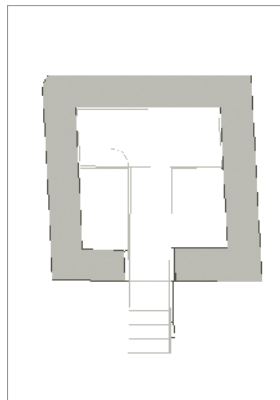
A Torre do Castelo de Aguiar de Sousa apresenta uma estrutura de planta quadrangular, descentralizada dos vestígios do contorno da muralha.

No século XII, o Castelo não deveria possuir ainda a Torre, embora seja já próprio da Época Medieval a existência da torre de menagem no interior da cerca amuralhada superior.

Nos finais do século XIII, o Castelo de Aguiar de Sousa terá sido abandonado.

O projeto da Rota do Românico promoveu um vasto conjunto de obras de recuperação e salvaguarda deste monumento.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

ON.2 O NOVO NORTE
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PT
17 Ermida da Nossa Senhora do Vale
PAREDES
ROTA DO ROMÂNICO

Ermida da Nossa Senhora do Vale

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1950

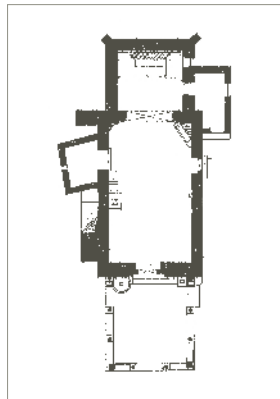
A Ermida da Nossa Senhora do Vale deverá ter sido construída nos finais do século XV ou inícios do século XVI.

O portal principal e a sua escultura mostram como a ornamentação da Época Medieval [românica e gótica] se prolongou no tempo.

A Ermida é composta por nave retangular e capela-mor quadrangular, com coberturas de madeira, sendo que a capela terá recebido, inicialmente, abóbada de cruzaria de ogivas, em pedra.

Este monumento conserva vestígios de pintura mural, com representações de anjos músicos. Esta pintura, datável de 1530-1540, indicia a presença de uma oficina de grande qualidade, ligada provavelmente ao mestre Arnaus.

A presença do púlpito no exterior da Ermida deve ser entendida no âmbito da romaria, já que a grande afluência de fiéis obrigava à celebração ao ar livre. Tanto o alpendre como o púlpito são comuns neste tipo de ermidas devocionais.

A localização desta Ermida explica a evocação de Nossa Senhora do Vale, mostrando como a sua fundação está ligada aos interesses agrícolas e à religiosidade da população local.

PT
18
Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa
PENAFIEL
ROTA DO
ROMÂNICO

Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa

MONUMENTO NACIONAL | 1910

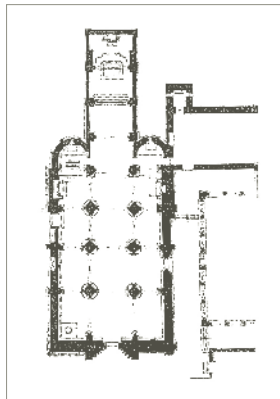
O Mosteiro de Paço de Sousa foi fundado no século X por Trutesendo Galindes e sua mulher Anímia. Ligado à família dos Ribadouro, foi um importante mosteiro beneditino.

A Igreja, edificada no século XIII no mesmo local do templo anterior [século XII], apresenta uma decoração muito própria. Utiliza ornamentação vegetalista talhada a bisel e desenvolve longos frisos no interior e no exterior da Igreja, à maneira da arquitetura visigótica e moçárabe [séculos V-VIII].

Terá sido em Paço de Sousa que nasceu uma corrente com base na tradição pré-românica e influenciada por temas oriundos do românico de Coimbra e da Sé do Porto, dando origem ao que se designa de "românico nacionalizado".

No interior da Igreja encontra-se o túmulo de Egas Moniz de Ribadouro, aio do rei D. Afonso Henriques, o qual resulta da junção de duas arcas tumulares: uma dos finais do século XII e outra do século XIII.

A capela-mor, a sacristia, o claustro e o que resta do edifício monástico datam dos séculos XVII e XVIII. O conjunto foi alvo de intervenções nos séculos XIX [1883 e 1887] e XX [1937-1939].

PT

19 Memorial da Ermida
PENAFIEL

Memorial da Ermida

MONUMENTO NACIONAL | 1910

O Memorial da Ermida é um monumento de notável interesse. Corresponde a uma tipologia de que restam unicamente seis exemplares em todo o território nacional.

A função deste tipo de monumentos, embora não esteja ainda totalmente esclarecida, deverá relacionar-se tanto com a colocação de túmulos, como com a evocação da memória de alguém, como ainda com a passagem de cortejos fúnebres. Estão habitualmente situados em caminhos ou cruzamento de vias.

As características do Memorial da Ermida sugerem que terá sido construído em meados do século XIII.

Os Memoriais da Ermida [Penafiel], Sobrado [Castelo de Paiva], Santo António [Arouca], Alpendorada [Marco de Canaveses] e Lordelo [já desaparecido, em Baião] estão, segundo a lenda, relacionados com D. Mafalda, filha de D. Sancho I e neta de D. Afonso Henriques.

São tradicionalmente referidos como pontos de paragem no traslado do seu corpo de Rio Tinto para o Mosteiro de Arouca, ou como locais de homenagem à sua vida e obra.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
20 Igreja de São Pedro de Abragão
PENAFIEL
ROTA DO
ROMÂNICO

Igreja de São Pedro de Abragão

MONUMENTO NACIONAL | 1977

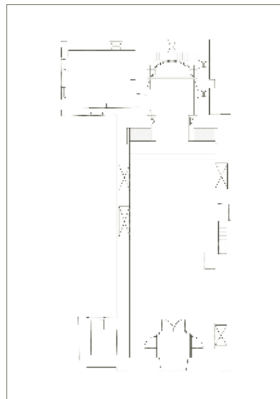
A Igreja de São Pedro de Abragão conserva apenas, do estilo românico, a capela-mor. Em 1105 estava já documentada a existência de "Sancto Petro de Auregam".

A Igreja, do século XIII, é atribuída à iniciativa de D. Mafalda, filha do rei D. Sancho I e neta de D. Afonso Henriques.

O exterior remete para o românico do Mosteiro de Paço de Sousa devido ao seu friso, de influências visigóticas e moçárabes [séculos VI-VIII].

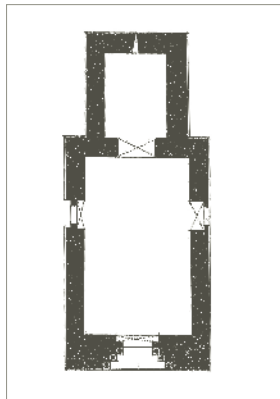
No interior, os elementos que compõem o arco cruzeiro possuem afinidades com a arte românica do Baixo Tâmega, designadamente com o portal principal do Mosteiro de Travanca, em Amarante.

Os achados arqueológicos, de 2006, permitiram concluir que o desaparecido portal principal de Abragão seria muito semelhante ao da Igreja de São Gens de Boelhe.

A fachada principal e a nave correspondem a uma reedificação da segunda metade do século XVII. Do mesmo período é o retábulo maneirista com pinturas de Santo André, Santa Maria Madalena, São Tiago e Santa Marta.

PT
21 Igreja de São Gens de Boelhe
PENAFIEL
ROTA DO
ROMÂNICO

Igreja de São Gens de Boelhe

MONUMENTO NACIONAL | 1927

A Igreja de São Gens de Boelhe, edificada entre os meados e o final do século XIII, constitui um dos mais belos exemplares da arte românica do Tâmega e Sousa.
As paredes desta Igreja destacam-se pela sua qualidade construtiva, sendo visível um conjunto de siglas geométricas e alfabéticas, que representarão a assinatura do canteiro [pedreiro].
O portal principal apresenta semelhanças com os portais das Igrejas de São Vicente de Sousa, do Salvador de Unhão e de Santa Maria de Airães, localizadas em Felgueiras.
Os capitéis do portal, com palmetas executadas a bisel, e os círculos preenchidos com cruzes, fazem lembrar os primeiros símbolos cristãos.
Na fachada norte, os cachorros apresentam uma assinalável variedade de temas, que vão desde cabeças de touro a homens que transportam pedra.
A tradição atribui a fundação da Igreja de Boelhe ora à filha de D. Sancho I, D. Mafalda, ora à sua avó, a rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques.
Esta Igreja, tal como hoje se encontra, é o resultado de uma profunda intervenção, que decorreu entre 1929 e 1948.

PT
22 Igreja do Salvador de Cabeça Santa
PENAFIEL
ROTA DO ROMÂNICO

Igreja do Salvador de Cabeça Santa

MONUMENTO NACIONAL | 1927

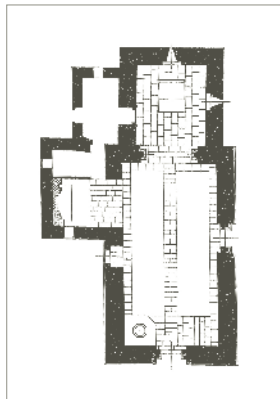
A Igreja de Cabeça Santa data da primeira metade do século XIII e constitui um excelente documento para a compreensão da arquitetura românica portuguesa.

A constante deslocação de artistas [canteiros, escultores, carpinteiros] durante a Época Medieval promoveu a repetição de modelos construtivos e ornamentais em diversos territórios.

Os portais e a escultura dos capitéis de Cabeça Santa são muito semelhantes aos da Igreja de São Martinho de Cedofeita, no Porto, que, por sua vez, possui uma decoração muito próxima à da construção românica da Sé portuense e à do românico da região de Coimbra.

O portal principal apresenta um tímpano com cabeças de bovídeos destinadas a proteger, simbolicamente, a entrada da Igreja. Pela sua originalidade, destaca-se a representação de um saltimbanco [acrobata] no portal sul.

O conjunto artístico da Capela de Nossa Senhora do Rosário, da Época Moderna [séculos XVII-XVIII], merece especial atenção.

No exterior da Igreja permanecem ainda três sepulturas escavadas na rocha e três túmulos medievais.

www.rotadoromanico.com

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT

23 Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios
PENAFIEL

ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios

MONUMENTO NACIONAL | 1927

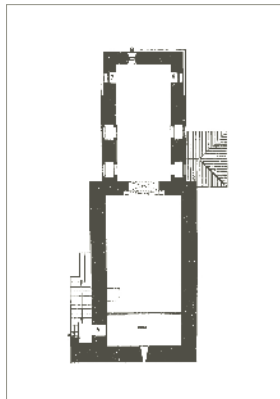
A Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios situa-se num importante território do período da Reconquista Cristã, a *civitas* de Anégia.

A Anégia enquadra-se na reorganização político-militar conduzida pelo rei Alfonso III das Astúrias com o objetivo de criar condições de segurança para a fixação da população no vale do Douro, no século IX.

A primeira referência à Igreja de São Miguel remonta ao final do século XI, correspondendo o atual templo a uma reforma ocorrida no século XIV.

É um exemplar que combina soluções construtivas próprias do estilo românico com elementos do estilo gótico, nomeadamente a decoração vegetalista do arco cruzeiro e do portal norte.

Este portal recebeu uma decoração mais requintada do que o portal principal, apresentando uma arquivolta decorada com motivos em ponta de diamante e folhas talhadas a bisel, semelhante ao arco cruzeiro do interior da Igreja.

A capela principal, da Época Medieval, foi alongada e alteada no século XVIII, recebendo também, neste período, um retábulo barroco de estilo nacional ornamentado com emblemas Marianos.

PT
24 Marmoiral de Sobrado
CASTELO DE PAIVA
ROTA DO
ROMÂNICO

Marmoiral de Sobrado

MONUMENTO NACIONAL | 1950

O Marmoiral de Sobrado, habitualmente designado de Marmorial da Boavista, apresenta uma tipologia diferente dos outros monumentos funerários, uma vez que não apresenta qualquer arco.
É formado por duas cabeceiras verticais com cruzes gravadas, onde se apoiam duas lajes horizontais, correspondendo a inferior a uma tampa sepulcral.
Na laje inferior foram gravadas uma longa espada e uma cruz grega inscrita num círculo. Nas faces de ambas as lajes foram também gravadas espadas.
Embora não seja fácil a datação deste monumento, o Marmoiral de Sobrado tem sido datado de meados do século XIII.
Os Memoriais de Sobrado [Castelo de Paiva], Ermida [Penafiel], Santo António [Arouca], Alpendorada [Marco de Canaveses] e Lordelo [já desaparecido, em Baião] estão, segundo a lenda, relacionados com o cortejo fúnebre de D. Mafalda para o Mosteiro de Arouca, ou com o perpetuar da sua memória.

PT
25
Igreja de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão
CINFÃES
ROTA DO
ROMÂNICO

Igreja de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão

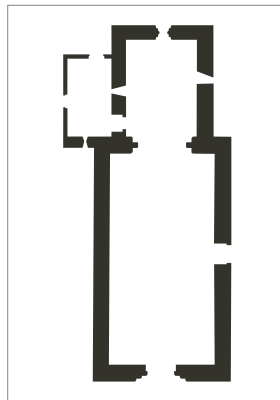
IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1950

A Igreja de Escamarão enquadra-se no conjunto de templos edificados segundo os modelos do chamado românico de resistência. Apesar do aspeto maciço das suas paredes, rasgadas por estreitas frestas, os portais não têm colunas nem tímpanos e as suas arquivoltas assentam diretamente sobre os pés-direitos. Destaca-se na cabeceira a janela já de expressão gótica, embora decorada com motivos de pérolas de cariz românico.

Por outro lado, a inscrição que se encontra ao lado do portal principal, datada de 1358, poderá assinalar o ano de conclusão desta obra, subsidiária do poderoso mosteiro de Alpendorada (Marco de Canaveses).

Todavia, o interior foi profundamente alterado a partir do século XIV, sendo resultado das transformações que advieram do período da Reforma Católica, nomeadamente pela introdução do gosto barroco, estilo em que se enquadra o retábulo-mor [altar principal]. Este ostenta, ainda, ao centro do remate, as armas da ordem beneditina, símbolo da presença de Alpendorada em Escamarão.

Do século XVI seria uma pintura mural existente na nave desta Igreja (eliminada no princípio do século XX) e os frontais azulejares dos altares colaterais da nave, de estilo mudéjar, cujo padrão é conhecido por "tapete".

PT

26 Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela

CINFÃES

ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela

MONUMENTO NACIONAL | 1945

A Igreja de Tarouquela é tudo o que resta de um mosteiro de monjas beneditinas que aqui laborou até ao século XVI. Fundado no século XII, foi na centúria seguinte, já sob a reforma beneditina, que se edificou o templo existente.

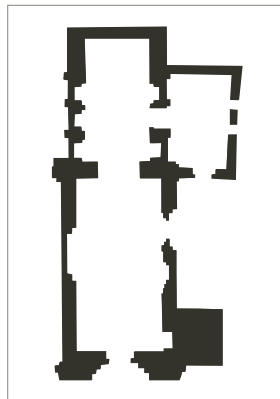
É pela influência desta ordem religiosa que o românico chega a terras de Tarouquela, uma vez que nas igrejas beneditinas são frequentes temáticas escultóricas como animais antitéticos, dois homens com uma só cabeça, serpentes e sereias, entre outras.

No exterior da Igreja destaca-se o portal principal, cujo tímpano, decorado com um motivo floral, parece guardado por dois quadrúpedes de cujas mandíbulas pendem figuras humanas. Estas esculturas, que a população chama de *cães de Tarouquela*, parecem tratar-se de representações destinadas a afastarem o mal.

Também os cachorros evidenciam ornamentação fantástica, figurativa ou animal, como o exibicionista, oculto desde o século XV pela Capela de São João, hoje sacristia.

Esta estrutura, que anuncia a introdução do estilo gótico, foi edificada entre 1481 e 1495, assinalando a relação deste mosteiro com as famílias senhoriais da região que, através das abadessas, aqui impuseram o seu domínio.

No interior merece destaque a escultura da Virgem entronizada amamentando o Menino, do século XVI, e possivelmente proveniente de uma oficina de Bruxelas.

PT

27 Igreja de São Cristóvão de Nogueira

CINFÃES

Igreja de São Cristóvão de Nogueira

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

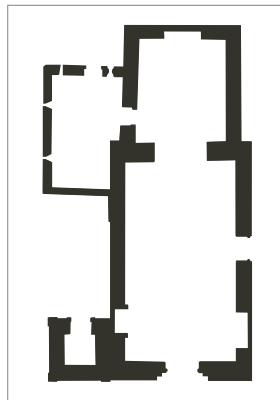
A Igreja de São Cristóvão de Nogueira inclui-se no conjunto de edifícios classificados como de românico de resistência, embora os vestígios reaproveitados na atual estrutura, como o friso do lado norte, junto à torre sineira, indiquem uma transição entre os séculos XII e XIII.

A sua implantação, a meia encosta, respeita a orientação canónica, desenvolvendo-se longitudinalmente em dois planos: a nave, maior, com a fachada voltada a oeste, e a capela-mor, menor, com a cabeceira virada para este.

Assumem especial destaque os portais principal e lateral. O primeiro inscreve-se na espessura do muro, sem colunas, mas cujas arquivoltas são ornadas pelo motivo de pérolas. O portal lateral sul chama a atenção pela originalidade da sua decoração: duas mãos cerradas colocadas sobre as impostas seguram uma chave e os pés-direitos apresentam motivos decorativos ou simbólicos, como um lagarto.

O interior é marcadamente barroco, destacando-se o teto em caixotões de madeira policromada com 71 painéis de temática hagiográfica [vida dos santos]. Possui cinco retábulos [altares] (o mor [principal], dois colaterais e dois laterais) que se incluem nos vários tipos de barroco, desde o estilo nacional ao joanino.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

ON.2 O NOVO NORTE
PROGRAMA OPERACIONAL
REGIONAL DO NORTE

PT
28 Ponte da Panchorra
RESENDE
ROTA DO
ROMÂNICO

Ponte da Panchorra

MONUMENTO DE INTERESSE PÚBLICO | 2013

Implantada a cerca de 1000 metros de altitude, unindo as margens do rio Cabrum, a Ponte da Panchorra é um belíssimo exemplo de arquitetura vernacular [tradicional].
Ponte de dois arcos, apresenta aparelho regular nas aduelas [pedras que formam o arco] e irregular na silharia [pedras] da restante estrutura, o que pode indicar um trabalho de mestres locais ou regionais, destinado a suprir as necessidades de acesso da comunidade às suas propriedades agrícolas e silvícolas.
Nesse sentido, distancia-se em importância e técnica das suas congéneres, edificadas a jusante, nomeadamente as pontes de Ovadas, Lagariça e Nova, quase na foz do Cabrum. Não deixa, porém, de ser um exemplo de infraestrutura comunitária.
A travessia aproveita os afloramentos das margens do rio para apoiar os seus pilares, sobre os quais assenta o tabuleiro horizontal com guardas, conferindo-lhe a robustez necessária à passagem de carros agrícolas e à circulação de gado.
Embora a Panchorra seja referida já nas *Inquirições* [inquérito administrativo] de 1258, só no século XVI se separou do termo de Ovadas, onde se situava o antigo centro religioso da freguesia medieval. Tornou-se, então, curato [paróquia], sendo a ermida de São Lourenço o novo polo religioso.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT

29 Mosteiro de Santa Maria de Cárquere

RESENDE

ROTA DO ROMÂNICO

Mosteiro de Santa Maria de Cárquere

MONUMENTO NACIONAL | 1910

Da construção românica do complexo monástico de Cárquere, de que prevalece ainda a organização espacial, apenas resta hoje, além da torre, a fresta da capela funerária dos Resendes. A Cárquere liga-se o poder senhorial desta família, cruzando-se aqui também a história e a lenda, que atribui a fundação deste Mosteiro a Egas Moniz, o aio de D. Afonso Henriques, após o milagre da cura das pernas do primeiro rei.

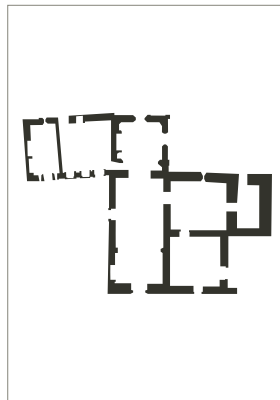
A fresta do panteão dos Resendes apresenta, no interior, uma ornamentação geométrica e, no exterior, os motivos das chamadas *beak-heads* [cabeça de animal com um bico proeminente]. Os capitéis exibem representações de aves.

Da medievalidade são ainda as imagens da Virgem de Cárquere e da Virgem do Leite. A primeira tem suscitado curiosidade pelas suas dimensões e, sobretudo, por ter sido encontrada, segundo a lenda, num local ermo próximo ao qual mais tarde se fundaria o Mosteiro.

A estrutura da Igreja mistura vários estilos: a abóbada nervurada e a janela da capela-mor são de cariz gótico, sendo o arranjo dos portais principal e lateral norte já de gosto manuelino.

As pinturas murais subsistentes na nave são do mesmo período da campanha manuelina e representam Santo António e Santa Luzia e um conjunto de anjos esvoaçantes.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

ON.2 O NOVO NORTE
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PT
30 Igreja de São Martinho de Mouros
RESENDE
ROTA DO ROMÂNICO

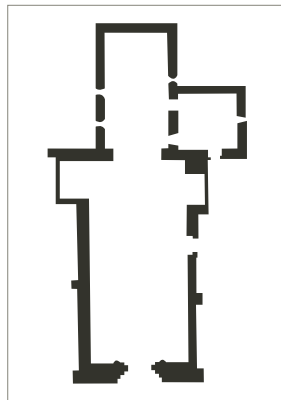
Igreja de São Martinho de Mouros

MONUMENTO NACIONAL | 1922

A torre-fachada da Igreja não corresponde a necessidades militares. Para esse efeito serviam as fragas e vales deste local que auxiliaram os cristãos a tomar o castelo de São Martinho. Assim, esta Igreja, edificada no século XIII, embora se destaque no românico português pela excêntrica volumetria da sua fachada, cumpre ainda hoje as funções para as quais foi construída, já em tempos de paz: a liturgia.

O seu projeto inicial era arrojado, mas ficou incompleto. A inscrição, datada de 1217, descoberta num silhar [pedra] da capela-mor, evidencia o início da construção ou a conclusão de uma primeira fase de edificação, dando assim expressão à hipotética ideia de um templo com três naves abobadadas. Diante desta surge um arco triunfal apontado e encimado por óculo emoldurado.

Foi, contudo, na Época Moderna e, sobretudo, no período barroco que a espacialidade da Igreja mais modificações sofreu, sendo exemplo a capela-mor, intervencionada sob a responsabilidade dos padroeiros.

Cabe destacar as pinturas da oficina dos Mestres de Ferreirim (cerca de 1530), o trabalho de talha do retábulo-mor [altar principal], de estilo nacional, e do teto de temática hagiográfica [vida dos santos].

www.rotadoromanico.com

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
31 Igreja de Santa Maria de Barrô
RESENDE
ROTA DO
ROMÂNICO

Igreja de Santa Maria de Barrô

MONUMENTO NACIONAL | 1922

Edificada a meia encosta, na margem esquerda do Douro, a Igreja de Barrô, dedicada a Santa Maria, é um edifício românico tardio, fundado talvez no século XII.

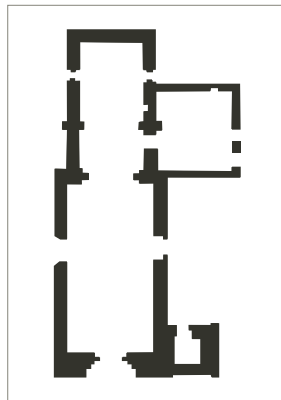
Deveu-se à família de Egas Moniz, o aio de D. Afonso Henriques, a sua dotação e hipotética construção ou reconstrução, pois pode ter existido neste local um templo anterior.

Sem podermos apontar uma cronologia, a edificação da Igreja prolongou-se no tempo, pois, embora de matriz românica, mostra já elementos protogóticos: o janelão, a rosácea e o tratamento dos capitéis, de temática vegetalista e floral.

A fachada simétrica é marcada já pela simplicidade do gótico, sendo apenas desequilibrada pela torre sineira, construída no século XIX. Este prenúncio é também percetível no interior através da verticalidade do espaço. Destaca-se ainda no interior os capitéis do arco triunfal representando cenas de caça, talvez numa alegoria às lutas entre o bem e o mal.

Do período barroco, quando Barrô era já uma importante comenda da ordem de Malta, salienta-se o retábulo-mor [altar principal] joanino. A Virgem da Assunção, que substituiu a medieval invocação a Santa Maria, é igualmente um excelente exemplo de escultura barroca.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT

32 Igreja de São Tiago de Valadares

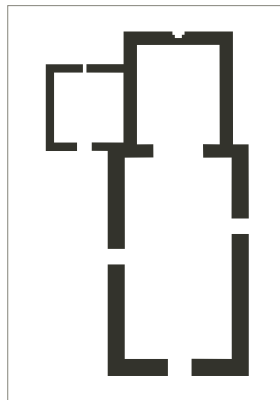
BAIÃO

Igreja de São Tiago de Valadares

MONUMENTO DE INTERESSE PÚBLICO | 2012

Edificada em finais do século XIII, talvez sobre um edifício anterior de que é testemunho o silhar [pedra] epigrafado com a data da Era 1226 (ano de 1188), a Igreja dedicada ao apóstolo São Tiago Maior tem uma só nave e capela-mor quadrangular, mais estreita e mais baixa.

A fachada é encimada por campanário e o portal apresenta arquivolta exterior ligeiramente quebrada. O portal lateral sul é de traço semelhante. No lado norte destaca-se a cachorrada primitiva da Igreja que apresenta decoração característica do românico do Tâmega e Sousa.

O interior, totalmente redefinido pelas intervenções barrocas, apresenta a tradicional cenografia da talha, a que se junta a pintura do teto abobadado da nave e o trabalho da capela-mor. Aqui reside uma das mais originais descobertas da historiografia da arte: um conjunto de pinturas murais que apresenta cenas hagiográficas [vida dos santos] e da vida de Cristo. Estas pinturas, do século XV, foram provavelmente encomendadas por um dos abades desta Igreja, D. João Camelo de Sousa.

PT
33 Ponte de Esmoriz
BAIÃO
ROTA DO
ROMÂNICO

Ponte de Esmoriz

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

De um só arco de volta perfeita, tabuleiro ligeiramente levantado com guardas e sem talha-mares ou contrafortes, a Ponte de Esmoriz une as margens do rio Ovil, no antigo couto de Ancede [lugar com privilégios]. O seu aparelho é regular, bem talhado com aduelas [pedras que formam o arco] estreitas e compridas. Nas *Memórias Paroquiais* de 1758 é referida juntamente com outras cinco travessias no circuito da paróquia. Mas a primeira referência, para já conhecida, data de 1666, quando se referem certas confrontações de propriedades do senhor da casa de Esmoriz.

Efetivamente, esta pequena Ponte situava-se no centro de interesses eclesiásticos e senhoriais: na encosta da margem esquerda do Ovil, a casa de Penalva, quase em frente, a de Esmoriz, e, não muito longe, o poderoso Mosteiro de Ancede (Baião). Este, mesmo após a sua incorporação na ordem dominicana, no século XVI (sendo anteriormente dos cónegos regrantes de Santo Agostinho), que centralizava a sua administração em Lisboa, continuou a polarizar vários interesses, nomeadamente os dos negócios de comércio e exportação, que os monges bem souberam rentabilizar.

Conhecida a sua intervenção no arranjo e construção de calçadas, talvez se lhes deva a construção da Ponte de Esmoriz, interessante exemplo de engenharia vernacular [tradicional].

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
34 Mosteiro de Santo André de Ancede
BAIÃO
ROTA DO
ROMÂNICO

Mosteiro de Santo André de Ancede

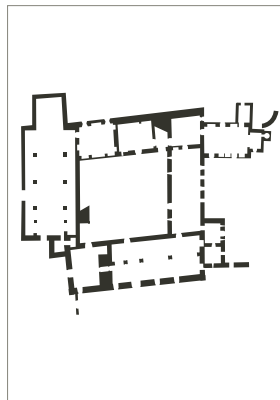
MONUMENTO DE INTERESSE PÚBLICO | 2013

Uma comunidade monástica existente em 1141, quando D. Afonso Henriques lhe concedeu carta de couto [lugar com privilégios], instalou-se numa encosta voltada para o Douro. Os cónegos regrantes de Santo Agostinho tornaram Ancede num importante centro económico, cultural e espiritual.

Esta prosperidade permitiu o investimento em património, de que a igreja e o conjunto monástico são exemplos. Embora os vestígios da Igreja românica se resumam à rosácea e aos paramentos das paredes da cabeceira, a volumetria desta sugere que a igreja medieval teria dimensões consideráveis.

Foi destruída no século XVI aquando da transferência do Mosteiro para os dominicanos. Nessa altura terá sido edificada uma igreja contígua para os paroquianos. Ambas foram destruídas no final do século XVII para dar lugar ao atual templo de três naves.

Na capela-mor os elementos barrocos e neoclássicos conjugam-se com a rosácea românica. Nas paredes das naves laterais destacam-se as pinturas dos séculos XVI a XVIII, o púlpito e o coro e, na sacristia, o móvel e o conjunto de relicários setecentistas.

No adro, a Capela do Senhor do Bom Despacho salienta um dos períodos mais notáveis do Mosteiro: o século XVIII. Esta capela barroca, de planta octangular, possui uma fascinante narrativa da vida de Cristo.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

ON.2 O NOVO NORTE
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PT

35 Capela da Senhora da Livração de Fandinhães
MARCO DE CANAVESES

ROTA DO ROMÂNICO

Capela da Senhora da Livração de Fandinhães

MONUMENTO DE INTERESSE PÚBLICO | 2012

Hoje titulada Capela da Senhora da Livração, a antiga Igreja de São Martinho de Fandinhães constitui um verdadeiro enigma. Quando o visitante se aproxima, vislumbra o que parece ser um edifício arruinado.

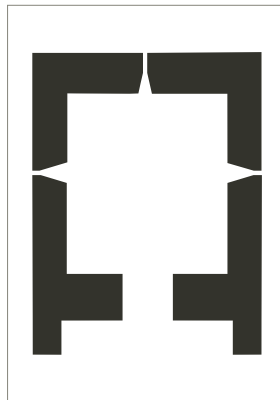
A tradição refere o seu desmantelamento e a documentação não o contradiz, mas menciona a possibilidade de ser uma estrutura por terminar, ou seja, vemos hoje o mesmo que se veria no século XIII.

Aqui se cruzam várias influências românicas. As figuras apoiadas em folhas salientes no portal encontram-se também nas Igrejas de Travanca (Amarante) e de Abragão (Penafiel).

No adro veem-se vestígios de uma cornija sobre arquinhos, motivo comum no românico da bacia do Sousa, que a esta chegou via Coimbra. Os toros diédricos nas frestas evidenciam a influência portuense, provinda da região francesa de Limousin. As *beak-heads* [cabeça de animal com um bico proeminente] na fresta lateral sul lembram a influência do românico beneditino do eixo Braga-Rates.

Embora a maior parte dos cachorros exiba motivos geométricos, um deles apresenta um exibicionista, figura masculina representada nua e com a mão direita sobre os órgãos genitais, motivo também encontrado na Igreja de Tarouquela (Cinfães).

No adro, duas tampas sepulcrais: uma com a representação de uma espada e outra com uma cruz inscrita.

PT

36 Memorial de Alpendorada

MARCO DE CANAVESES

Memorial de Alpendorada

MONUMENTO NACIONAL | 1910

Foi durante o século XIII que se edificou um conjunto de monumentos que, cumprindo as funções funerárias e de memória, apenas se encontram em território português. Aparecem com alguma frequência situados em caminhos importantes, contrariando a tendência da época para localizar as necrópoles junto a igrejas e capelas.

De um modo geral correspondem a sepulturas dos "fiéis de Deus", ou seja, daqueles que tiveram morte acidental ou em duelo, estando por isso proibidos de se sepultarem em locais sagrados.

O Memorial de Alpendorada deve ser entendido neste contexto, conforme nos indica a espada gravada nas pedras superiores do plinto que serve de base ao seu arco. Este símbolo da nobreza encontrava-se igualmente no Memorial de Lordelo (Baião), demolido no século XIX, e prevalece no de Sobrado (Castelo de Paiva).

Em Alpendorada estamos diante de uma sepultura de um cavaleiro que se poderá associar a D. Sousino Alvares, figura também ligada ao Memorial da Ermida (Penafiel), embora a tradição ainda associe estes dois monumentos à figura da beata D. Mafalda.

PT
37 Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo
MARCO DE CANAVESES
ROTA DO ROMÂNICO

Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo

MONUMENTO NACIONAL | 1977

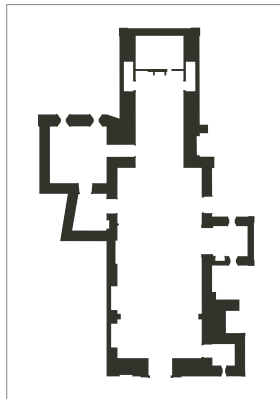
Implantado numa encosta da margem esquerda do Tâmega, Vila Boa do Bispo impressiona pela sua monumentalidade. Estas dimensões podem ser explicadas pela importância que deteve ao longo dos períodos medieval e moderno, destacando-se a atenção que o poder senhorial lhe dedicou, nomeadamente a linhagem dos Gascos (ou dos Ribadouros).

Embora profundamente alterado no período moderno, os vestígios românicos ajudam a compreender a riqueza histórica deste Mosteiro. Na fachada principal destacam-se as duas arcadas cegas que ladeiam o portal, muito originais, que ostentam uma composição característica do românico do eixo Braga-Rates.

Estes elementos e outros dispersos pela estrutura colocam a construção românica de Vila Boa do Bispo entre os séculos XII e XIII. É provável que, dada a existência de contrafortes, a primitiva capela-mor fosse quadrangular e abobadada.

Outro elemento que recorda a edificação medieval e a ligação à nobreza da região são os túmulos subsistentes e que apontam para sepultamentos ao longo dos séculos XIII e XIV.

O interior é marcado pelo espírito barroco, que através de várias técnicas e materiais criou um espaço particularmente monumental e luminoso.

Sob os caixotões do teto da capela-mor foi identificado um conjunto de pinturas murais do século XVI, evidenciando a cultura dos cónegos regrantes de Santo Agostinho.

www.rotadoromanico.com

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
38 Igreja de Santo André de Vila Boa de Quires
MARCO DE CANAVESES
ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de Santo André de Vila Boa de Quires

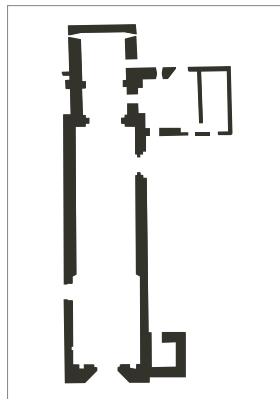
MONUMENTO NACIONAL | 1927

A Igreja de Santo André de Vila Boa de Quires foi edificada no segundo quartel do século XIII, enquanto parte de um complexo monástico. Parece ter sido secularizada já no século XIV e a ela se ligou a linhagem dos Portocarreiros, com particular importância local e regional ao longo da Idade Média.

Destaca-se a fachada principal, uma das mais elaboradas do Baixo Tâmega, semelhante à da Igreja de Barrô (Resende). O portal aproxima-se do da Igreja do Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel), ostentando capitéis ornamentados com motivos simétricos de sabor vegetalista. As mísulas [pedras salientes de apoio] têm a forma de cabeças de bovídeos.

Toda a fachada foi deslocada em 1881 quando se ampliou a nave e acrescentou a torre sineira.

O interior contrasta com a sobriedade do exterior e o despojamento imposto pelo paramento granítico. É na capela-mor que as diferenças artísticas são mais notáveis. O retábulo-mor [altar principal] neoclássico apresenta uma tela de grandes dimensões alusiva à Adoração ao Santíssimo Sacramento.

Na abóbada da capela-mor, um conjunto de pinturas datáveis do século XVIII narra cenas do Processo e Paixão de Cristo, cujo percurso termina na pintura mural existente sobre o arco triunfal, na nave.

PT
39 Igreja de Santo Isidoro de Canaveses
MARCO DE CANAVESES
ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de Santo Isidoro de Canaveses

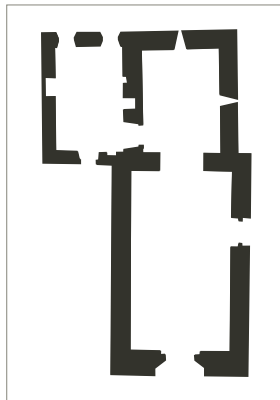
MONUMENTO NACIONAL | 2013

Pequena Igreja, cujo estilo românico primitivo se apresenta em bom estado de conservação. Edificada na segunda metade do século XIII num pequeno planalto, foi dedicada ao bispo Santo Isidoro.

Na sua estrutura destaca-se o elaborado portal principal. Os toros das arquivoltas ligam-no ao românico portuense, os fustes cilíndricos e prismáticos que as sustentam aproximam-no do românico disseminado pela bacia do Sousa e as palmetas nas impostas ligam-no ao eixo Braga-Rates.

No interior, a luz passa por estreitas frestas que acentuam o despojamento ditado pela intervenção de restauro de 1977. O arco triunfal, que divide a capela-mor da nave, apresenta-se ligeiramente quebrado e desprovido de qualquer ornamento.

Salta à vista a pintura a fresco que reveste parte da parede fundeira da capela-mor. Datado de 1536 e assinado pelo pintor Moraes, o conjunto pictórico apresenta-se à maneira de um tríptico, que, lido da esquerda para a direita, apresenta a Virgem com o Menino, Santo Isidoro e Santa Catarina de Alexandria.

Nas paredes laterais podemos ainda observar, do lado esquerdo, um São Miguel que pesa as almas e, do lado direito, um São Tiago Apóstolo, vestido como romeiro.

PT

40 Igreja de Santa Maria de Sobretâmega

MARCO DE CANAVESES

ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de Santa Maria de Sobretâmega

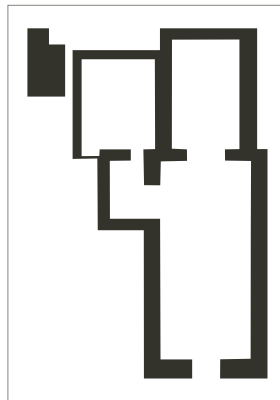
IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1971

Edificada na margem direita do Tâmega, à entrada da desaparecida ponte de Canaveses, a Igreja de Sobretâmega é de fundação posterior a 1320 e parece substituir um outro templo, cujo orago era São Pedro.

Deve ser entendida neste contexto e na sua íntima relação com a Igreja de São Nicolau de Canaveses, na outra margem, tão próxima e com estrutura muito semelhante.

Os seus portais atestam a cronologia tardia pela ausência de colunas e capitéis. No portal principal apenas as mísulas [pedras salientes de apoio] ornadas com pérolas evidenciam a permanência de um motivo românico com grande acolhimento nas bacias do Tâmega e Douro. Este portal estaria resguardado por um alpendre [cobertura anexa] como revelam as mísulas subsistentes. O campanário ergue-se isolado a norte da cabeceira.

De modestas dimensões, sofreu alterações profundas na Época Moderna, nomeadamente ao nível do arranjo do arco triunfal.

Caiado a branco, o interior acolhe, na capela-mor, um retábulo de talha dourada de estilo nacional. De referir, ainda, a imagem em calcário dedicada à padroeira, que representa o culto mariano instituído neste templo desde o século XIV.

PT
41 Igreja de São Nicolau de Canaveses
MARCO DE CANAVESES
ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de São Nicolau de Canaveses

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1971

Edificada na margem esquerda do Tâmega, junto a uma importante via que ligava o litoral ao interior duriense, a Igreja de São Nicolau de Canaveses é de fundação posterior a 1320.

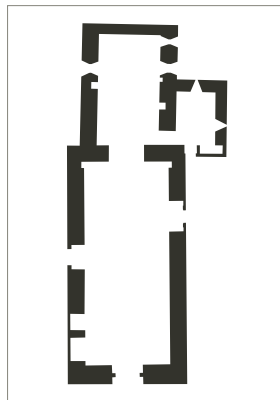
O portal principal atesta esta cronologia tardia: ausência de colunas e capitéis. Por todo o edifício nota-se um despojamento ornamental, acentuando assim o caráter tardio do seu românico, dito de resistência.

De modestas dimensões, sofreu alterações profundas na Época Moderna marcadas pela abertura de janelões retangulares na capela-mor e na nave. Também os arcos triunfal e do batistério, de linguagem classicizante, foram obra deste período. No interior imperam os paramentos de granito, embora, pelos vestígios existentes, a Igreja devesse ter sido revestida, na viragem da Idade Média para a Época Moderna, com pinturas a fresco, como testemunham os exemplos preservados.

Descobertos acidentalmente em 1973, restam hoje alguns painéis com representações de Santo Antão, na parede norte da nave, fragmentos de uma Anunciação, sobre o arco triunfal do mesmo lado, Santa Catarina de Alexandria, no lado sul da nave, um santo beneditino, junto ao arco triunfal, do lado sul, e outra Anunciação, em camada sobreposta, no mesmo lado da nave.

www.rotadoromanico.com

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

ON.2 O NOVO NORTE PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PT
42 Igreja de São Martinho de Soalhães
MARCO DE CANAVESES
ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de São Martinho de Soalhães

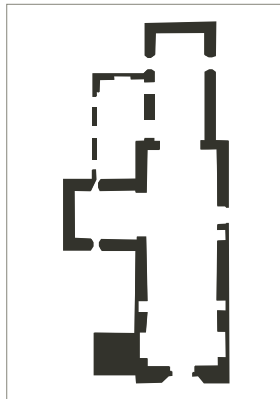
MONUMENTO NACIONAL | 1977

Soalhães foi um território particularmente cobiçado pela nobreza medieval. A importância da terra ditou que os seus senhores tomassem o topónimo para seu apelido, como no caso de D. João Martins, chamado de Soalhães, bispo de Lisboa e arcebispo de Braga.

Todavia, são poucos os vestígios românicos deixados à vista pela profunda intervenção realizada na Igreja no século XVIII. O seu portal principal, datável já do século XIV, mostra uma organização protogótica, confirmada pela ausência de tímpano e pelo cariz naturalista dos seus capitéis.

Muito embora o óculo do portal tenha recebido um arranjo durante a intervenção setecentista, a verdade é que tal não aconteceu no interior, onde ainda hoje apreciamos uma moldura pontuada por pérolas, motivo muito disseminado pela arquitetura românica das bacias do Douro e Tâmega.

No interior, um túmulo do século XIII ou XIV, abrigado por arcossólio na capela-mor, do lado direito, coabita com uma profusão de cores e materiais que testemunham um investimento algo excêntrico em painéis azulejares, de madeira em médio relevo policromados, e na ornamentação da talha que vai além dos próprios retábulos [altares].

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
43
Igreja do Salvador de Tabuado
MARCO DE CANAVESES
ROTA DO
ROMÂNICO

Igreja do Salvador de Tabuado

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1944

Embora as fontes atestem a existência, no século XII, de dois templos em Tabuado, um dedicado a Santa Maria e outro ao Salvador, este parece ter vingado como orago titular.

Esta Igreja é, contudo, de fundação posterior, provavelmente de meados do século XIII, conforme nos indica a rosácea proto-gótica da fachada principal e outros elementos ornamentais do edifício.

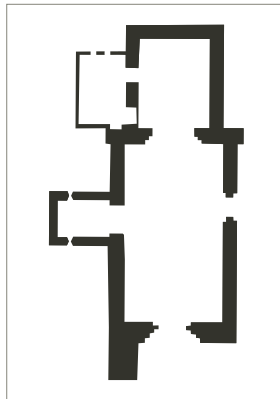
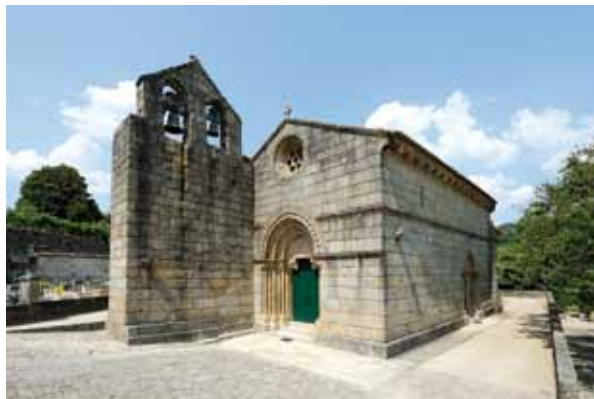
O portal principal destaca-se pela sua qualidade: tímpano apoiado sobre mísulas [pedras salientes de apoio] em forma de cabeças de bovídeo (tal como no Mosteiro de Paço de Sousa, Penafiel) e capitéis talhados com motivos vegetalistas. Também aqui se apresenta o motivo de pérolas, recorrente no românico das bacias do Tâmega e Sousa.

O campanário apresenta-se como uma torre defensiva. No corpo da nave e ao nível do arco cruzeiro persistem dois contrafortes, que acentuam a volumetria da Igreja.

No interior, o que mais se evidencia do românico é o arco triunfal, cujas arquivoltas assentam sobre duas colunas, sendo as impostas decoradas com dentes de serra e círculos encadeados. Os seus capitéis resultam de um arranjo contemporâneo. Vibrante é a pintura mural do século XVI que preenche a parede fundeira da capela-mor, representando Cristo juiz, ladeado por São João Baptista e São Tiago Maior.

www.rotadoromanico.com

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

QREN QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL

PT
44 Ponte do Arco
MARCO DE CANAVESES
ROTA DO ROMÂNICO

Ponte do Arco

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1982

Unindo as margens do rio Ovelha, a Ponte do Arco faz jus ao nome. Composta por um só arco, ligeiramente apontado e de grandes dimensões, assume-se como uma imponente obra de arquitetura. O seu tabuleiro forma um cavalete, inspirando-se na construção das pontes góticas.

Os mestres pedreiros que a projetaram e conceberam, ergueram os seus alicerces em dois afloramentos das margens, formulando assim uma estrutura mais robusta e segura. Talvez sem o desejarem, acabaram por criar um exemplo de vigor e equilíbrio.

Esta harmonia só é perturbada quando se observa o intradorso da Ponte da margem esquerda, sendo possível notar o desfasamento dos silhares [pedras] de arranque, na margem direita, cuja posição foi interrompida para colocação do cimbre [estrutura em madeira que serve para o molde do arco].

Parte de uma rede municipal e paroquial de caminhos no antigo concelho de Gouveia, a Ponte do Arco representa bem o modelo de travessias locais que se disseminou ao longo da poca Moderna.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT

45 Igreja de Santa Maria de Jazente

AMARANTE

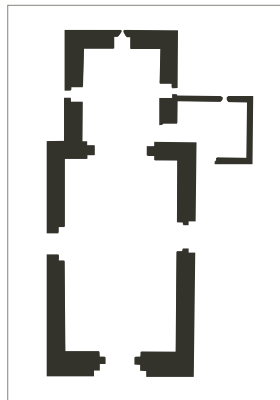
ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de Santa Maria de Jazente

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1977

Edifício com caraterísticas que se incluem na categoria de românico tardio, a Igreja de Jazente apresenta-se como um importante registo histórico nos antigos limites da diocese do Porto.
A fachada é dominada pelo portal, um dos elementos que melhor denuncia a sua edificação tardia, mas é no seu tímpano que reside a sua maior originalidade. Aqui observamos uma cruz patada vazada sobreposta a um motivo idêntico, gravado no lintel que a sustenta.
Na parte final do românico verifica-se uma tendência para furar o tímpano, não só com vazamento de cruzes, mas também com outros orifícios. Assim o confirmam as cinco aberturas em círculo, formando uma cruz, e envoltas por um duplo círculo gravado no granito, no portal lateral sul.
No interior destaca-se a escultura gótica que representa o orago da Igreja, a Virgem com o Menino Jesus ao colo, dita de Jazente. Trata-se de um trabalho em calcário policromado onde Mãe e Filho transparecem amor filial e maternal.
Jazente é, ainda, reconhecida por ter sido abadia de Paulino Cabral (1719-1789) que aqui paroquiou entre 1752 e 1784, do Arcadismo, movimento de letras classicista que teve o seu expoente em Bocage.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT

46 Ponte de Fundo de Rua
AMARANTE

Ponte de Fundo de Rua

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

Ponte de pedra sobre o rio Ovelha, sustentada por quatro arcos de volta perfeita com dimensões desiguais, sobre os quais assenta um tabuleiro ligeiramente levantado acima do arco maior. Os pilares são protegidos a montante por talha-mares aguçados e a jusante por contrafortes.

À entrada da Ponte, na margem esquerda, um cruzeiro assinala talvez a data (1630) da construção ou reedificação da Ponte, herdeira da travessia medieval que assegurava a passagem do trânsito entre Amarante e Vila Real.

Por aqui se entrava na beetria de Ovelha do Marão, outrora uma das poucas que existia em Portugal e onde os moradores escolhiam o senhor que os devia governar.

Próximo à Ponte, o pelourinho recorda a autonomia, primeiro da beetria e depois da honra e município que, no século XVI, passou a património dos reis de Portugal.

Por aqui passaram as tropas francesas do general Soult que tomaram Amarante a 3 de maio de 1809. Sendo um dos dois locais de passagem entre Amarante e Trás-os-Montes, a Ponte de Fundo de Rua (ou da Aboadela) não deixou de ser referenciada na obra de Camilo Castelo Branco, que por várias vezes aqui passou.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
47 Igreja de Santa Maria de Gondar
AMARANTE
ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de Santa Maria de Gondar

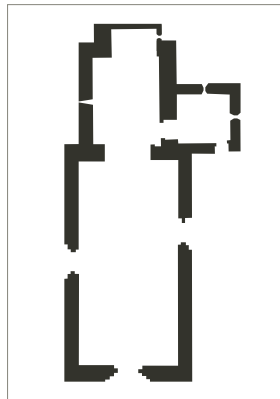
IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1978

Edificada no século XIII, a Igreja de Gondar, outrora cabeça de um pequeno complexo monástico feminino, encontra-se implantada a meia encosta, no vale do rio Ovelha.

A sua fundação e percurso histórico ligam-se à linhagem dos Gundares, cujos membros alcançaram fama na região ao longo da Idade Média. O seu desaparecimento acentuou-se a partir da extinção do mosteiro, em 1455.

Embora não existam vestígios dos anexos do mosteiro, a Igreja de Gondar atesta ainda o seu caráter originariamente monástico: as mísulas [pedras salientes de apoio] presentes nos paramentos exteriores evidenciam a existência de estruturas anexas à Igreja de ambos os lados.

A traça românica da Igreja conservou-se na sua quase totalidade, apesar das transformações que sofreu ao longo da Época Moderna. Enquadra-se na categoria do românico de resistência, como provam os cachorros de perfil quadrangular e a composição dos portais.

O principal não tem colunas, as suas arquivoltas apoiam-se sobre os pés-direitos e o tímpano é liso. O único elemento decorado deste portal é a arquivolta externa, com o motivo de enxaquetado, tão caro ao românico português. O portal é encimado por um pequeno óculo composto por cinco círculos que formam uma cruz.

48 Igreja do Salvador de Lufrei
AMARANTE

Igreja do Salvador de Lufrei

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1971

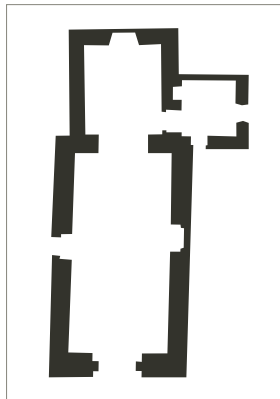
O templo de Lufrei, situado num vale próximo à confluência de dois pequenos cursos de água, foi outrora cabeça de um pequeno instituto monástico feminino do qual já não restam vestígios.

A Igreja, secularizada em 1455, inscreve-se no chamado românico de resistência, testemunho da vernaculidade e da popularidade que aquele estilo teve entre as comunidades rurais do norte de Portugal.

Sem decoração esculpida, a Igreja é iluminada por estreitas frestas posicionadas em pontos-chave do edifício. Os cachorros de perfil quadrangular e o arranjo dos portais testemunham a sua execução tardia.

O interior foi profundamente alterado na Época Moderna. Salienta-se o retábulo-mor [altar principal], de cariz maneirista, onde se encontram preservadas as pinturas "pintadas ao antigo", como as descreveu em 1726 o memorialista Craesbeeck. Também os dois retábulos [altares] da nave se inscrevem neste período.

Todavia, o que mais suscita curiosidade são as pinturas murais escondidas sob a cama de reboco que reveste toda a Igreja, embora sejam já visíveis alguns vestígios tanto na nave como na capela-mor.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
49 Igreja do Salvador de Real
AMARANTE
ROTA DO ROMÂNICO

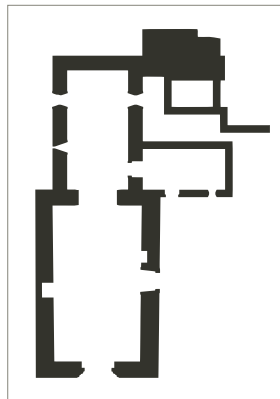
Igreja do Salvador de Real

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

A Igreja de Real implanta-se numa pequena encosta em local isolado. Edificada no primeiro quartel do século XIV, integra-se na categoria de românico tardio, testemunhada pelo portal principal, sem tímpano, com colunas encabeçadas por capitéis que apresentam escultura pouco volumosa.

Trata-se de uma adaptação da influência do românico portuense que pode ter chegado aqui através de Travanca (Amarante), já que a Igreja de Real pertencia ao padroado daquele Mosteiro. Na fachada lateral sul ainda se aprecia um arcossólio com sarcófago, cuja tampa ostenta uma espada gravada, o que denuncia o estatuto social de quem aí se fez enterrar. Próximo deste, ergue-se uma sineira de claro sabor românico.

O século XVIII e as alterações barrocas deixaram marcas profundas nesta Igreja. Foram abertos janelões de iluminação, colocadas três cruzes alinhadas nas empenas e fogaréus a rematar os cunhais da nave. Além disso, as variações ao nível do aparelho denunciam ainda que este edifício foi bastante mexido ao longo da sua história.

No interior, ainda hoje se apreciam as cruzes de sagração, românicas, patadas e inscritas em círculo. Em 1938 Real deixou de ser igreja matriz.

PT
50 Mosteiro do Salvador de Travanca
AMARANTE
ROTA DO ROMÂNICO

Mosteiro do Salvador de Travanca

MONUMENTO NACIONAL | 1916

O Mosteiro de Travanca impressiona pelas suas dimensões, sobretudo a Igreja, edificada no século XIII. Associado à linhagem dos Gascos, a que pertencia Egas Moniz, o aio de D. Afonso Henriques, constituiu um dos mais poderosos institutos monásticos da terra de Sousa durante a Idade Média.

No exterior da Igreja, de três naves, impõe-se o portal principal, rasgado em corpo saliente, encimado por cornija sobre modilhões retangulares e ornado com mísulas [pedras salientes de apoio] em forma de cabeças de bovídeo.

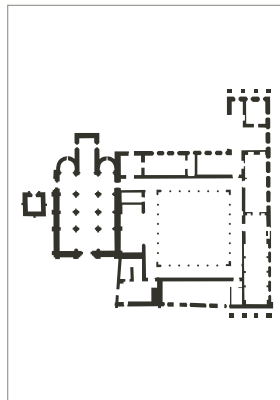
As arquivoltas possuem toros diédricos e nos seus capitéis estão representados aves com pescoços enlaçados, serpentes, figuras humanas e monstros que tragam homens desnudos. O portal lateral norte mostra uma composição semelhante.

O interior é composto por diversas soluções artísticas e arquitetónicas do período medieval e posteriores. A sacristia, cujo espírito barroco sobressai nos arcazes e pinturas do teto, assinala as grandes reformas iniciadas na Época Moderna.

Todavia, o que se sobressai no conjunto é a torre isolada, considerada uma das mais elevadas torres medievais portuguesas. O seu ar militar é puramente simbólico, destacando-se o seu portal ricamente lavrado, cujo tímpano apresenta uma original representação do *Agnus Dei* (Cordeiro de Deus), erguendo uma cruz patada.

www.rotadoromanico.com

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT

51 Mosteiro de São Martinho de Mancelos

AMARANTE

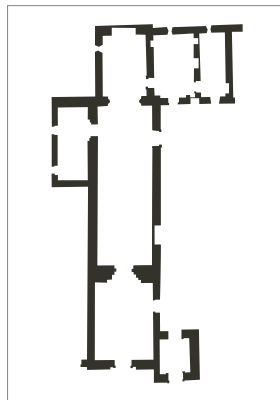
Mosteiro de São Martinho de Mancelos

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1934

Mosteiro já mencionado em 1120, talvez na esfera dos Portocarreiros e depois dos Fonsecas, Mancelos constitui um exemplo da intervenção senhorial na criação e manutenção de igrejas particulares.

Tendo sido integrada na ordem dos cónegos regrantes de Santo Agostinho, é provável que a data, 1166, inscrita num silhar [pedra] da Igreja, testemunhe a sagração ou a dedicação do templo. Todavia, os vestígios arquitetónicos subsistentes remetem-nos para o século XIII, sendo esta cronologia mais evidente no portal principal. Este é abrigado pela galilé, o que explica o seu bom estado de conservação. Os capitéis foram elegantemente esculpidos e o tímpano liso é sustentado por duas figuras ao modo de atlantes.

A galilé e a torre, entre outros elementos, como as ameias, conferem monumentalidade à Igreja, profundamente modificada nos séculos posteriores à sua edificação. Tal é evidenciado pelas cicatrizes do paramento e pelos acrescentos estruturais. Do lado sul, onde se situaria o claustro [pátio interior de um mosteiro], um arcossólio guarda ainda um túmulo. No interior apenas o arco triunfal recorda a construção românica.

No cemitério encontra-se sepultado o pintor Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), figura maior do Modernismo português.

PT
52 Mosteiro do Salvador de Freixo de Baixo
AMARANTE
ROTA DO ROMÂNICO

Mosteiro do Salvador de Freixo de Baixo

MONUMENTO NACIONAL | 1935

Freixo de Baixo permanece ainda hoje como símbolo maior do complexo monástico instituído pelo poder senhorial e tomado pela ordem dos cónegos regrantes de Santo Agostinho. Implantado junto a um curso de água, num fértil vale, o Mosteiro ainda hoje impressiona o visitante.

A persistência dos alicerces da primitiva galilé e de vestígios do primitivo claustro [pátio interior de um mosteiro], juntamente com uma robusta torre sineira, dão a este conjunto uma monumentalidade pouco comum no panorama da arquitetura românica portuguesa.

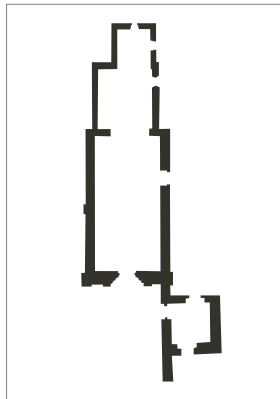
A fachada é o elemento da primitiva igreja mais bem preservado. Reforçada por dois cunhais, apresenta um robusto portal cujas arquivoltas são decoradas com toros diédricos.

Os capitéis ostentam animais afrontados, motivos fitomórficos e vegetalistas, e encanastrados semelhantes a São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira) e a Salvador de Paço de Sousa (Penafiel).

No interior da Igreja sobressai a pintura a fresco destacada, visível na parede sul da nave, ao lado do púlpito. Trata-se de uma cena da Epifania do Senhor, atribuída ao Mestre de 1510 que participou na execução das pinturas de Vila Verde e de Pombeiro (Felgueiras) e nas de São Nicolau (Marco de Canaveses).

www.rotadoromanico.com

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT

53 Igreja de Santo André de Telões

AMARANTE

ROTA DO ROMÂNICO

Igreja de Santo André de Telões

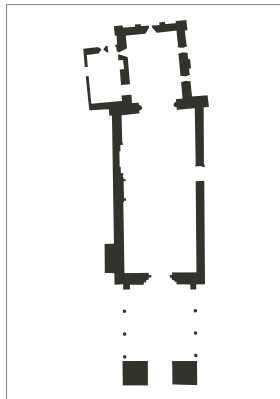
IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO | 1977

No século XIV, Telões surge já como igreja paroquial, sucedendo à categoria de sede de um instituto monástico, entretanto desaparecido. Profundamente modificada ao longo dos séculos, como resposta aos novos gostos e às novas liturgias, devemos situar a sua construção românica na viragem do século XII para o XIII.

As transformações posteriores (denunciadas pelas várias cicatrizes ao longo das paredes da nave), a edificação da galilé e da sacristia, ou ainda a abertura de janelões retangulares nas paredes laterais, provocaram uma modificação profunda da espacialidade medieval.

Todavia, foi no século XVI que se deu uma das mais significativas transformações nesta Igreja, de que resultou uma ampla campanha de pintura mural, embora hoje apenas se possa apreciar a que se encontra na parede fundeira da nave, que representa a cena da Natividade.

Nos séculos XVII e XVIII a Igreja de Telões foi dotada com novos altares e retábulos (mor [principal], dois colaterais e dois laterais), onde se articulam os estilos maneirista e barroco com intervenções contemporâneas.

PT

54 Igreja de São João Baptista de Gatão

AMARANTE

Igreja de São João Baptista de Gatão

MONUMENTO NACIONAL | 1940

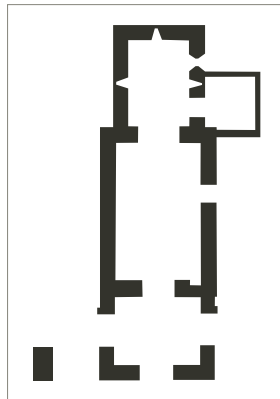
Isolada na paisagem, a Igreja de Gatão é uma edificação que estende a sua cronologia de construção pelos séculos XIII e XIV. Na cabeceira encontram-se os elementos românicos mais expressivos. Além da fresta rasgada na parede fundeira, destaca-se, em ambos os lados, uma banda lombarda. Este modelo de cornija sobre arquinhos conheceu um particular acolhimento no românico do Tâmega e Sousa.

Da Época Medieval são também as estreitas frestas da nave, o portal lateral sul e o arco triunfal. Composto por duas arqui-voltas quebradas, mas facetadas e lisas, este é envolvido por um friso enxaquetado.

Na Época Moderna efetuaram-se as intervenções mais profun-das, nomeadamente no exterior da fachada principal, com o acrescento da galilé e da torre sineira

Quer na nave, junto ao arco triunfal, quer na capela-mor, sub-sistem significativos trechos de pintura mural a fresco realiza-dos nos séculos XV e XVI, onde se destacam representações do Calvário, da Coroação da Virgem, do martírio de São Se-bastião, de Santa Catarina de Alexandria e de Santa Luzia.

No cemitério junto à Igreja encontra-se sepultado Teixeira de Pascoaes (1877-1952), um dos mais importantes poetas e es-critores portugueses da viragem do século XIX para o XX.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
55 Castelo de Arnoia
CELORICO DE BASTO
ROTA DO ROMÂNICO

Castelo de Arnoia

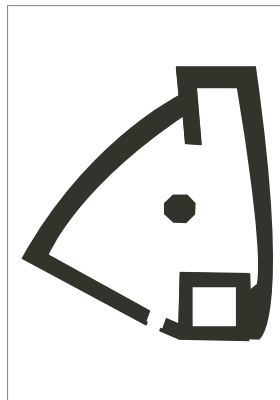
MONUMENTO NACIONAL | 1946

Castelo românico, situado outrora na terra de Basto, enquadra-se no movimento de encastelamento que entre os séculos X e XII marcou o território europeu.

Na sua estrutura, posicionada no alto de um cabeço montanhoso, destacam-se quatro elementos defensivos: a torre de menagem (cujo último piso e conjunto de ameias foram reconstituídos no século XX), o torreão quadrangular, uma única porta e a cisterna.

Foram identificados testemunhos arqueológicos relativos à ocupação da fortaleza entre os séculos XIV e XVI. Esta é já a época de decadência da estrutura que, em tempo de paz, era um mero símbolo de organização administrativa e do poder senhorial que tutelava o território.

O abandono deu-se definitivamente a partir de 1717, quando as elites deixaram o pequeno lugar da vila de Basto, mudando a sede do concelho para a freguesia de Britelo, onde hoje se localiza Celorico de Basto.

A memória da pequena vila de Basto ainda persiste ao longo do ramal que lhe deu origem e que ligava a velha estrada da Lixa à importante via Amarante-Arco de Baúlhe, hoje identificada como aldeia do Castelo. O pelourinho, a casa das audiências e a botica lembram a movimentada rua ao longo da qual se desenvolveu a povoação.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
56 Igreja de Santa Maria de Veade
CELORICO DE BASTO
ROTA DO ROMÂNICO

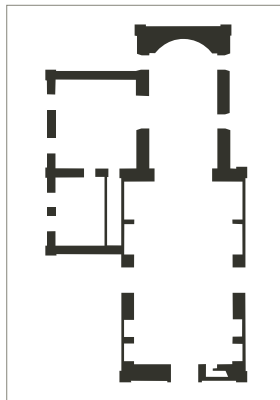
Igreja de Santa Maria de Veade

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

Edificada no século XIII, sucedendo a uma pequena ermida, a atual Igreja de Veade é, no entanto, uma estrutura profundamente alterada no século XVIII. Do românico subsistem os portais laterais, apesar de revolvidos durantes as intervenções barrocas, que reorientaram a Igreja (primitivamente a fachada principal encontrava-se voltada a oeste, seguindo a chamada orientação canónica) e lhe acrescentaram uma cabeceira a oeste.

Os portais norte e sul estão profundamente ornamentados, mostrando pérolas e motivos vegetalistas, trechos de friso enxaquetado e capitéis onde se representa o tema comum às bacias do Tâmega e Douro, de influência bracarense: a cena de *Daniel na cova dos leões*.

Embora o portal principal mostre as profundas modificações que a Igreja sofreu pela mão do comendador Álvaro Pinto, das nobres famílias de Lamego, é no interior que compreendemos o gosto barroco em todo o seu esplendor.

Embora se distingam campanhas anteriores, de cariz maneirista, é a cenografia barroca que toma conta de todo o espaço. Entre o uso da talha dourada, à policromia do granito, até ao rodapé azulejar da capela-mor, a expressão “horror ao vazio”, com que alguns caraterizam este estilo, adquire aqui particular significado.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT
57 Igreja do Salvador de Ribas
CELORICO DE BASTO
ROTA DO ROMÂNICO

Igreja do Salvador de Ribas

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

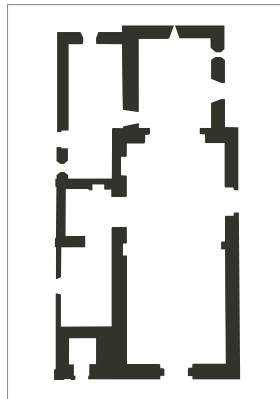
A tradição atribui a fundação de um pequeno mosteiro em Ribas pela mão dos cónegos regrantes de Santo Agostinho. Teria cabido a D. João Peculiar, arcebispo de Braga, a proteção deste mosteiro, marcado pela presença do padre D. Mendo, cujo corpo providenciaria milagres muito depois do seu falecimento, em 1170, embora tal não tenha sido documentalmente provado. Devemos salientar a homogeneidade da Igreja de Ribas, que deve ter sido construída de uma só vez. A decoração mostra grande coerência na sua preferência pelo motivo de pérolas, que surge tanto no interior como no exterior da Igreja.

No interior, à semelhança da maioria das igrejas românicas, prevalece outro espírito, marcado pela contrarreforma e pela renovação litúrgica após o Concílio de Trento (1545-1563).

São exemplos a exuberância da talha nos retábulos [altares] e na sanefa que coroa e reveste o arco triunfal, os caixotões do teto e a balaustrada do coro. Do conjunto merece, ainda, destaque as imagens do Santíssimo Salvador, da Virgem do Vale e da Virgem do Rosário.

Na parede fundeira da capela-mor, por detrás do retábulo-mor [altar principal], foi identificada uma importante campanha de pintura mural onde se faz representar o orago da Igreja.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709

PT

58 Igreja do Salvador de Fervença

CELORICO DE BASTO

ROTA DO ROMÂNICO

Igreja do Salvador de Fervença

EM VIAS DE CLASSIFICAÇÃO

Igreja de raiz românica, de cujo período e estilo subsiste apenas a capela-mor abobadada. Esta apresenta uma decoração com uma qualidade fora do comum para a região.

De facto, pode ser estabelecida uma comparação entre a ornamentação dos capitéis do arco triunfal, compostos por motivos vegetalistas e fitomórficos, com os da Igreja do Mosteiro de Ferreira (Paços de Ferreira).

Na capela cruzam-se várias influências, umas provenientes dos edifícios construídos na margem esquerda do rio Minho, com influência do estaleiro da Sé de Tui; outras oriundas do românico do eixo Braga-Rates, que teve maior impacto nas bacias do Tâmega e do Douro. Os testemunhos existentes levam-nos ao segundo quartel do século XIII.

No exterior é possível observar ainda os contrafortes que sustentam a abóbada de berço, já quebrada. Nas fachadas laterais, as cornijas são sustentadas por cachorros, de decoração geométrica, e entre os quais destacamos um pipo, o motivo dos rolos ou uma composição feita com volutas.

A nave da Igreja resulta de uma reconstrução realizada na década de 1970 e que pode até ter aproveitado parte da primitiva construção românica.

T +351 255 810 706 / +351 918 116 488
F +351 255 810 709